

Getúlio e a família Vargas: narrativas do *passado*

Eliane Lucia Colussi

Universidade de Passo

Fundo -RS

O objetivo deste estudo é analisar algumas narrativas biográficas e autobiográficas referentes a Getúlio Dornelles Vargas e sua família, especialmente no que tange às referências ao *passado*¹. A definição de passado que servirá para delimitação do trabalho estende-se do período de 1870 até 1928, ano da ascensão de Vargas à Presidência do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse intervalo de tempo de mais de sessenta anos, ocorreu o casamento de Manuel Nascimento Vargas e Cândida Dornelles, em 1872. Dessa união nasceram cinco filhos homens: Protásio (1876-1969), Viriato (1874-1953), Getúlio (1883-1954), Espártaco (1894-1986) e Benjamin (1898-1973).

O período em questão foi pouco estudado pela historiografia acadêmica brasileira. Muitos aspectos da vida pregressa da família estão envoltos em polêmicas e obscuridade. As obras existentes, de caráter biográfico ou não, que fazem referências ao passado dos Vargas foram produzidas, em sua maioria, por não-historiadores. Na maior parte desses trabalhos há uma motivação pessoal ou política para a sua publicação. Com isso, verifica-se uma parcialidade nas interpretações ou uma insuficiência de dados empíricos nas explicações oferecidas. O que é comum a esses autores é a menção mais ou menos explícita ao recorrente envolvimento dos integrantes da família Vargas em processos judiciais, como por exemplo, em crimes de morte.

De forma geral, três episódios aparecem no *passado* dos Vargas: o primeiro ocorrido em 1898 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, onde os três filhos mais velhos de Manuel Nascimento Vargas estudavam, envolvendo Viriato Vargas que teria assassinado um estudante paulista, desafeto do irmão mais novo, Getúlio; o segundo

episódio, refere-se à saída ou expulsão de Getúlio Vargas do Colégio Militar de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul; o terceiro, o episódio do assassinato, em 1915, do médico Benjamin Torres Vargas, crime atribuído à família Vargas, especialmente a Viriato como suposto mandante.

Para esse estudo, selecionaram-se três obras que apresentam narrativas biográficas ou de registros pessoais que, de alguma maneira, refletem o mito e o líder político como indivíduo e revelam aspectos da sua trajetória de vida. O *passado* poderá revelar algumas representações sociais do complexo mundo social de onde ele emergiu e ao qual sempre retornou: foi no *passado* vivido, construído e divulgado que nasceu o mito.

A primeira obra a ser analisada são “os diários” de Getúlio Vargas; em seguida, a biografia de Vargas escrita para crianças, de autoria de André Carrazzoni, e, por fim, a obra biográfica de Carlos Heitor Cony. Outras obras de caráter biográfico importantes poderiam integrar esse estudoⁱⁱ, porém, para o objetivo proposto, as selecionadas dão a idéia precisa do modo de construção das representações do *passado* de Getúlio e da família Vargas.

A primeira obra analisada são os cadernos de registros pessoais de Getúlio Vargas referentes aos anos de 1930 a 1942. É interessante observar que Getúlio iniciou seus registros pessoais em 3 de outubro de 1930, dia da vitória do movimento de 30 encerrando-se em setembro de 1942, período em que o governo getulista já estava profundamente desgastado. Segundo Celina Vargas do Amaral Peixoto, ao registrar seu diário, Getúlio “revela a exata noção da importância do texto que redige diariamente, preocupando-se com seu significado e avaliando sua produção”.ⁱⁱⁱ Se, por um lado, a consciente dimensão da sua historicidade torna esses registros menos espontâneos, mais racionalmente narrados, por outro, não “consegue” esconder a vida cotidiana e a sua dimensão humana e privada. Constam ali desabafos, pensamentos fortuitos, frustrações, tristezas, alegrias, prazeres clandestinos, entre outros temas e sentimentos.

Em muitos momentos, Getúlio Vargas, o narrador, interrompe seus registros e explica ao *futuro leitor* o objetivo de suas anotações diárias: “Neste registro, não constam geralmente os trabalhos comuns de administração, primeiro, porque são assuntos públicos, sem interesse para esta apressada anotação pessoal, e porque se fosse dar-lhes tal extensão, nem tempo me sobraria, e teria antes uma história da administração”.^{iv}

No seu diário não aparecem referências explícitas ao passado, ou seja, a sua vida antes de 1930; ao contrário, repetidas vezes Getúlio menciona o *presente* da velhice e da solidão e o *futuro* incerto ou da morte que se anuncia. Contudo, indiretamente, seu passado toma alguma representação quando Vargas informa a situação ou a presença da sua família e de aspectos da sua vida no sul. A satisfação e alegria por ele registradas quando dos seus encontros com o pai e os irmãos são fundamentais para que se possa retratar a forte estrutura familiar patriarcal do *presente* e do *passado* dos Vargas.

Numa de suas visitas ao Rio Grande do Sul, no ano de 1934, Getúlio registra: “As emoções desta viagem, o acolhimento carinhoso, a visita a meu pai no dia em que completava 90 anos são emoções difíceis de descrever nestas anotações. Estabeleceu-se um hiato que não descrevo, mas que foi de intensa alegria e grandes vibrações que algumas pequenas sombras não conseguiram nublar”.^v

Em 1936, novamente uma menção ao *passado*. Ele relata, no dia 13 de março, uma conversa com seu filho Lutero, no qual explica que sua preocupação filosófica nos últimos anos de sua vida de estudante era a ânsia de encontrar na ciência e na filosofia uma fórmula explicativa da vida e do mundo^{vi}. Dessa forma, as representações narrativas de seu passado se limitam, no seu diário, a essas menções à família, a São Borja e a posicionamentos políticos e filosóficos. O *passado* anterior a 1930, especialmente o que se refere às polêmicas, rivalidades e prováveis violências praticadas, parece ter sido esquecido.

Por outro lado, na obra de André Carrazzoni, uma biografia de Getúlio Vargas na forma de cartilha, com desenhos ilustrativos e dirigida para crianças, seu *passado* é extremamente valorizado. A obra foi publicada em 1942 por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão vinculado diretamente à Presidência da República. A publicação teve por objetivo auxiliar na construção da imagem do chefe de governo^{vii}. Em termos temáticos, o autor inicia situando geograficamente a cidade de São Borja e menciona a importância de seu pai, Manoel Nascimento Vargas, homem de grande projeção política e social na região.

O fio condutor da trajetória de vida narrada pelo autor centra-se no fato de Getúlio Vargas alimentar um sonho desde menino: vestir a farda, ser militar. Aliás, muitas mudanças no rumo na vida de Getúlio são explicadas com esse sonho. Contudo, o autor informa que teria sido o senador Pinheiro Machado, amigo pessoal de seu pai, quem descobrira prematuramente a vocação de Getúlio para a política quando ele tinha apenas sete anos. Neste ponto, o autor destaca que Getúlio possuía atributos especiais que mais tarde definiriam sua projeção nacional: a força física e a inteligência.

Em relação ao primeiro episódio polêmico envolvendo Vargas no assassinato do estudante paulista em Ouro Preto, Minas Gerais, o autor nada menciona, porém informa sobre a passagem de Vargas pela cidade de forma romantizada: “E, em 1897, com apenas 14 anos de idade, Getúlio foi reunir-se aos irmãos Protásio e Viriato, na velha cidade de Minas Gerais. Ouro Preto nunca mais lhe sairia da memória, com suas ruas tortas, com suas casas de estilo colonial e as recordações ainda mais vivas dos inconfidentes. Foi ali que ele vestiu as suas primeiras calças compridas”.^{viii}

O retorno ao Rio Grande do Sul, menos de um ano depois de ter se instalado em Ouro Preto, é explicado na obra como sendo de livre opção do jovem Getúlio. O autor recorre ao argumento do velho sonho alimentado por Getúlio de um dia vestir a farda como seu pai “já vestira um dia. E em 1898, com quinze anos, o rapaz se alistou como

soldado no 6º Batalhão de Infantaria, estacionado em São Borja”.^{ix} Como veremos mais tarde, na análise da obra de Cony, as evidências empíricas e bibliográficas confirmam que a precipitação do retorno dos três irmãos à terra natal deveu-se ao episódio do crime de morte antes citado.

As qualidades humanas e políticas do futuro presidente da República são muitas vezes mencionadas: disciplina, humildade, inteligência delicadeza e discrição às quais o teriam levado ao sonho de fazer carreira militar. Assim, em 1898 ele se matriculou na Escola Preparatória e de Tática, em Rio Pardo. Porém, “o destino não queria que o moço realizasse o maior desejo da sua vida, reservando-lhe outros caminhos não menos gloriosos”.^x Um grupo de cadetes teria se insurgido contra ordens superiores, o que levava ao desligamento dos integrantes do grupo. Getúlio “apenas” por solidariedade aos companheiros, teria solicitado também seu afastamento da escola.

Carlos Heitor Cony traça uma biografia importante de Getúlio Vargas centrando-se no episódio do seu suicídio em 1954, porém, em diversas passagens da obra valoriza o *passado* de Vargas. Diferentemente das duas primeiras obras aqui analisadas, esta foi elaborada por um intelectual sem vínculo pessoal com Vargas. É importante observar que o autor se baseou especialmente em entrevistas e depoimentos colhidos em São Borja com pessoas diretamente ligadas a Vargas. No início da obra, o autor apresenta sua visão sobre o biografado afirmando que teria visto Getúlio Vargas apenas uma vez na vida e que não teria simpatizado com ele.

O autor justifica essa antipatia inicial argumentando com a idéia de repulsa que a maioria dos jovens da sua geração tinha ao ditador. Contudo, no transcorrer da sua narrativa, Cony muda sua visão, passando a admirar e a defender o mito Vargas. Significativa nesse sentido é a observação no início do trabalho: “Comecei a ver a sombra de um anão. À medida que procurava situá-la, contorná-la, comecei a compreender o gigante”.^{xi} O *passado* de Vargas e de sua família aparecem apenas como pano de fundo

para a construção da trajetória de vida do mito e do líder político. Mais do que isso, é no *passado* que o autor procura as explicações sobre essa trajetória de vida tão particular. O meio cultural e a violência como característica do lugar onde a família vivia, São Borja, seriam aspectos a serem considerados para justificar ou para diminuir as responsabilidades dos Vargas nos casos de violências e polêmicas em que estiveram supostamente envolvidos.

No *passado* de Vargas, os conflitos já teriam surgido antes mesmo do nascimento dos filhos de Manoel e Cândida. Segundo o autor, Getúlio era filho de uma estranha mistura de duas famílias inimigas: “Os Dornelles de São Borja! Seu pai, o então capitão Vargas, caçando durante o dia Dinarte Dornelles e, à noite, namorando a irmã desse mesmo Dornelles! Ele nasceria desse casamento, dessa união impossível de Dornelles e Vargas, Montecchios e Capuletos de uma Verona pampeira, chimangos e maragatos, republicanos e federalistas”.^{xii}

Outro aspecto importante na narrativa do *passado* de Vargas é a explicação do autor em relação à violência como prática política comum na atuação política dos Vargas. O contexto histórico e cultural do Rio Grande do Sul, especialmente das cidades da região sul, justificaria a naturalidade com que algumas práticas políticas se consolidaram. Dessa forma, “não se compreenderá a personalidade humana e política de Getúlio Vargas sem antes retrocedermos à história do antigo Continente de São Pedro, esquecido e desprezado pelo Império e hostilizado pela incipiente República”.^{xiii}

Em meados da década de 1960, período em que o autor permaneceu na cidade de São Borja colhendo depoimentos e informações para a elaboração da obra em questão, ainda eram comuns a presença de homens armados pelas ruas e a ocorrência de assassinatos por motivos fúteis. O autor revela sua estranheza quanto à espontânea naturalidade com que os moradores mais antigos mencionam a frequência dos

assassinatos e as suas motivações, pois quase sempre os motivos seriam justificados por “um agravo”, isto é, por motivo de honra do homem.

Partindo dessa argumentação, Cony relata o envolvimento dos irmãos Vargas no episódio do assassinato do estudante paulista em Ouro Preto. Segundo o autor, a pequena permanência de Getúlio em Ouro Preto teria se devido a um “incidente”, que sempre fora usado politicamente pelos adversários de Vargas, porém não fora de responsabilidade dos Vargas. Contrariando a maioria dos relatos sobre o fato, o autor defende os Vargas. Segundo ele: “Numa briga entre estudantes paulistas e gaúchos, uma troca de tiros, cai morto um rapaz de São Paulo, de nome Prado. Seu irmão mais velho, Viriato, foi acusado, preso, processado e finalmente ‘absolvido’. Mas o general Vargas teria se deslocado até Ouro Preto e retirado seus filhos dali”.

Os indícios indicam que as desavenças que resultaram no assassinato do estudante paulista teriam sido mais graves e que Getúlio estaria envolvido diretamente no episódio. Outra informação muito divulgada é a de que Manuel Vargas pode ter subornado a Justiça e, em especial, o juiz. Porém, Cony prefere acreditar que o pivô do incidente tenha sido seu irmão: “Viriato e que tudo começara com um açucareiro derramado num bar, o tradicional agravo”.^{xiv} Dessa forma se justificaria, no passado de Vargas, o episódio de Ouro Preto. A violência, assim, seria justificada.

Interessante na obra de Cony é a ausência de menção ao assassinato do médico Benjamin Torres, ocorrido em março de 1915 em São Borja. Em 1913, o médico, desafeto político dos Vargas, havia denunciado inúmeros crimes e irregularidades políticas envolvendo Viriato Vargas e a família ao delegado de polícia, o qual instaurara um inquérito policial^{xv}. Diante da atitude do médico, até não muito tempo antes amigo íntimo da família de Manoel Vargas, criou-se na região uma expectativa em relação à resposta que a família atingida daria ao inimigo. Numa espécie de “crônica de uma morte anunciada”, a cidade aguardava o trágico desfecho. Após algumas emboscadas

frustradas, dois capangas a mando de Viriato assassinaram o médico. Então, Viriato fugiu para o interior da Argentina ali permanecendo entre 1915 a 1922.

Esse período foi extremamente conturbado para os Vargas, pois a repercussão do crime e os seus desdobramentos pressionaram a família politicamente. Contudo, Carlos Heitor Cony, segundo depoimentos por ele colhidos, informa que o período mais feliz da vida de Getúlio Vargas teria sido justamente entre 1913 e 1917, quando ele renunciou ao mandato de deputado estadual, até a eleição do novo mandato. Sua transferência de Porto Alegre para São Borja teria trazido a Getúlio paz e tranqüilidade.

Nas obras aqui analisadas as representações do *passado* dos Vargas, e de Getúlio em especial, são ora enaltecidas da sua valentia e inteligência, ora melancólicas ou, mesmo, aparentemente ausentes. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder no âmbito nacional apagou de certa maneira muitos aspectos do seu passado narrados por seus biógrafos e por ele mesmo.

ⁱ Entre os muitos trabalhos importantes sobre biografias autobiografias aparecem: BORGES, V. Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella NAXARA (org.). *(Res) sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 287-312; SCHMIDT, Benito B. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História*. São Leopoldo. Unisinos. v. 8, n. 10, p. 123-130, 2004.

ⁱⁱ Ver: FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944; PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde Editor, s. d.; PÉREZ, Leopoldo. *Getúlio Vargas. O homem e o chefe*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944.

ⁱⁱⁱ PEIXOTO, Celina Vargas do Amaral. Apresentação. VARGAS, Getulio. *Getúlio Vargas: Diários*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995. (2 v.) p. IX.

^{iv} VARGAS, Getulio. *Getúlio Vargas: Diários*. p. 336.

^v VARGAS, Getulio. *Getúlio Vargas: Diários*. p. 342.

^{vi} Idem, p. 486.

^{vii} Sobre a importância desse material de divulgação e propaganda ver: CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

^{viii} CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas e sua vida para a criança brasileira*. São Paulo: DIP, Lithographica Ypiranga, 1942. p. 8.

^{ix} CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas e sua vida para a criança brasileira*. p. 9.

^x CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas e sua vida para a criança brasileira*. p. 13.

^{xi} CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. 1954: uma tragédia brasileira. 3. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004. p. 12.

^{xii} CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. 1954: uma tragédia brasileira. P. 41-2.

^{xiii} CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. 1954: uma tragédia brasileira. P. 45.

^{xiv} CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. 1954: uma tragédia brasileira. P. 51.

^{xv} O Inquérito policial consta como parte do Processo-crime n. 2292, m. 91, E. 96 A, (8 volumes-1915-1922). Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.